Papel dos Bancos Regionais de Desenvolvimento (BRDs) Multilaterais na Agenda 2030

Papel de los Bancos Regionales de Desarrollo (BRD) Multilaterales en la Agenda 2030

Role of Multilateral Regional Development Banks (RDBs) in the 2030 Agenda

Laura Tavares Soares

Resumo. Este Informe complementa o último Seminário do CRIS sobre a Agenda 2030 na América Latina, ampliando seu escopo para a contribuição global dos BRDs no alcance dos ODS previstos nessa Agenda. Ele aborda as diversas estratégias dos BRDs no financiamento dos ODS diante da lacuna de recursos prevista para os países em desenvolvimento. Essas estratégias são detalhadas para as regiões da América Latina, África e Ásia. O Informe também destaca que o papel dos BRDs na Agenda 2030 vai *além do simples financiamento*. Eles também atuam como *coordenadores regionais do desenvolvimento.*

Palavras-chave: Bancos Regionais de Desenvolvimento Multilaterais; BRDs; Agenda 2030; Financiamento da Agenda 2030.

Summary. *This report complements the last CRIS Seminar on the 2030 Agenda in Latin America, expanding its scope to the global contribution of developing countries (DBs) to achieving the SDGs foreseen in this Agenda. It addresses the various strategies of DBs in financing the SDGs in the face of the projected resource gap for developing countries. These strategies are detailed for the regions of Latin America, Africa, and Asia. The report also highlights that the role of DBs in the 2030 Agenda goes beyond simple financing. They also act as regional development coordinators.*

Keywords. *Multilateral Regional Development Banks; BRDs; 2030 Agenda; Financing the 2030 Agenda.*

Resumen. *Este informe complementa el último Seminario CRIS sobre la Agenda 2030 en América Latina, ampliando su alcance a la contribución global de los países en desarrollo (PD) para el logro de los ODS previstos en dicha Agenda. Aborda las diversas estrategias de los PD para financiar los ODS ante la brecha de recursos proyectada para los países en desarrollo. Estas estrategias se detallan para las regiones de América Latina, África y Asia. El informe también destaca que el papel de los PD en la agenda 2030 va más allá de la simple financiación, ya que también actúan como coordinadores del desarrollo regional.*

Palabras clave*: Bancos Multilaterales Regionales de Desarrollo; BRD; Agenda 2030; Financiamiento de la Agenda 2030.*

Introdução

Com o prazo de 2030 se aproximando e uma lacuna anual de financiamento estimada em US$ 4,3 trilhões para países em desenvolvimento, os Bancos Regionais de Desenvolvimento (BRDs) assumem um papel cada vez mais estratégico na Agenda 2030.

Eles atuam como pontes entre o capital global e as necessidades regionais/locais, combinando um conhecimento profundo do território com instrumentos financeiros inovadores para impulsionar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Uma das vantagens estratégicas dos BRDs é o fato de não serem nem tão globais nem tão locais. Diferentemente de grandes instituições multilaterais como o Banco Mundial, os BRDs possuem um mandato regional que lhes confere vantagens competitivas claras para a implementação da Agenda 2030:

- Conhecimento e Proximidade: possuem um entendimento aprofundado dos contextos econômicos e sociais locais. Isso permite que formulem soluções mais aderentes à realidade, com financiamento a projetos de infraestrutura sustentável para pequenos municípios ou apoio a Arranjos Produtivos Locais.

- Resposta a Crises e Coesão: em momentos de choques externos, como os eventos climáticos, os BRDs são capazes de mobilizar crédito emergencial rapidamente. Sua atuação contribuiu para a recuperação da economia local e reforça a resiliência regional.

- Catalisadores de Recursos Globais: atuam como repassadores e parceiros estratégicos de fundos internacionais, direcionando o capital externo para projetos alinhados aos ODS.

A distribuição dos recursos por ODS revela as prioridades regionais:

1. Erradicação da Pobreza: acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares. Foca na redução da pobreza extrema e na proteção social para os mais vulneráveis.

2. Fome Zero e Agricultura Sustentável: acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável. Visa sistemas alimentares resilientes e acesso universal a alimentos nutritivos.

3. Saúde e Bem-Estar: assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades. Inclui redução de mortalidade materna e infantil, combate a epidemias e acesso universal à saúde.

4. Educação de Qualidade: assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Enfatiza o acesso igualitário e o aprendizado contínuo.

5. Igualdade de Gênero: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Combate discriminação, violência e promove participação igualitária em todos os setores.

6. Água Potável e Saneamento: garantir a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos. Foca no acesso universal à água potável, saneamento e higiene adequada.

7. Energia Limpa e Acessível: garantir o acesso à energia barata, confiável, sustentável e moderna para todos. Promove energias renováveis e eficiência energética.
8. Trabalho Decente e Crescimento Econômico: promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos. Enfatiza direitos trabalhistas e redução do desemprego juvenil.
9. Indústria, Inovação e Infraestrutura: construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação. Visa infraestrutura de qualidade e apoio à pesquisa.
10. Redução das Desigualdades: reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles. Aborda disparidades de renda, oportunidades e inclusão social.
11. Cidades e Comunidades Sustentáveis: tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis. Foca em moradia adequada, transporte sustentável e planejamento urbano.
12. Consumo e Produção Responsáveis: garantir padrões de consumo e produção sustentáveis. Promove o uso eficiente de recursos, redução de resíduos e economia circular.
13. Ação Contra a Mudança Global do Clima: tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos. Inclui resiliência, adaptação e integração de políticas climáticas.
14. Vida Subaquática: conservar e usar de forma sustentável os oceanos, os mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável. Protege a vida marinha contra poluição e sobrepesca.
15. Vida Terrestre: proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade. Foca na conservação da natureza.
16. Paz, Justiça e Instituições Eficazes: promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis. Combate a corrupção e promove o Estado de Direito.
17. Parcerias e Meios de Implementação: fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável. Envolve finanças, tecnologia, capacitação, comércio e parcerias entre governos, setor privado e sociedade civil.

Os ODS são indivisíveis e interligados: o progresso em um objetivo afeta os outros (por exemplo, a educação de qualidade ajuda na redução da pobreza e na igualdade de gênero). Cada objetivo tem metas específicas e indicadores para monitoramento global e nacional.

Para impulsionar *projetos de Desenvolvimento Sustentável*, os BRDs têm diversificado suas ferramentas financeiras:

- *Títulos Sustentáveis* (“Green/Blue/Social Bonds”). Captação de recursos no mercado de capitais atrelada a *metas ambientais e sociais*.

- *Mecanismos de Mitigação de Riscos*. Utilização de garantias soberanas e *capital paciente*[1] para viabilizar projetos de infraestrutura de longo prazo, reduzindo o custo do crédito.
- *Cooperação Técnica e Projetos Estruturados.* Auxiliam unidades regionais subnacionais, como estados e municípios, na elaboração de projetos elegíveis para fundos climáticos, como iniciativas de resiliência urbana e prevenção de desastres naturais.

Apesar do seu papel crucial, a expansão do financiamento via bancos regionais enfrenta barreiras importantes:

- *Restrições de Capital*. Muitos bancos sub-regionais, especialmente na África, operam com bases de capital limitadas, o que restringe sua capacidade de alavancar grandes projetos de infraestrutura e limita suas notas de crédito no mercado internacional.
- *Governança e Acesso a Fundos*. Dificuldades de coordenação entre estados-membros e processos burocráticos complexos para acessar fundos climáticos globais (como o Green Climate Fund) podem atrasar a implementação de projetos.

Por outro lado, o papel dos BRDs na Agenda 2030 vai *além do simples financiamento*. Eles atuam como *coordenadores regionais do desenvolvimento*, *alinhando as demandas locais* por energia limpa e segurança alimentar *com as metas globais* de sustentabilidade.

Para maximizar esse impacto, considera-se essencial *fortalecer sua capitalização, aprimorar mecanismos de governança e promover maior integração com o sistema financeiro internacional*.

Na reta final para 2030, o papel dos BRDs se tornou ainda mais crítico e focado em três grandes áreas de atuação:

- Liderança Coletiva e Coordenação Sistêmica

Os bancos multilaterais atuam cada vez mais como um sistema integrado, reconhecendo que o desafio do financiamento sustentável exige uma resposta conjunta. O compromisso anunciado na COP30 é emblemático: 10 dos principais BRDs se comprometeram a mobilizar US$ 185 bilhões até 2030 para mitigação e adaptação climática, somando-se aos US$ 137 bilhões já direcionados em 2024.

- Catalisadores de Capital Privado em Larga Escala

Com uma lacuna anual de US$ 4 trilhões para os ODS, a Assistência Oficial ao Desenvolvimento não é suficiente. A estratégia atual dos BRDs é clara: usar seus recursos para reduzir o risco de investimentos, tornando projetos de infraestrutura sustentável atraentes para o setor privado. O plano é mobilizar outros US$ 65 bilhões em capital privado a partir do anúncio da COP30.

- Além do Dinheiro: Assistência Técnica e Influência em Políticas Públicas

[1] O *Capital Paciente* (em inglês "Patient Capital") é uma ferramenta financeira caracterizada por investimentos de longo prazo, com baixa pressão por retornos rápidos ou liquidez imediata. Diferente do capital tradicional (como venture capital ou investimentos de curto prazo), ele permite que empreendedores, empresas ou projetos desenvolvam soluções complexas sem a necessidade de gerar lucros imediatos.

O papel dos BRDs vai muito além de emprestar dinheiro. Eles atuam como "policy makers" na *Estruturação de Projetos*, ajudando governos a desenhar projetos elegíveis para fundos climáticos; na *Capacitação*, oferecendo expertise em avaliação de risco climático e engenharia; e no *Arcabouço Regulatório*, influenciando padrões de governança e sustentabilidade, incorporando salvaguardas ambientais e sociais que servem de referência para o mercado.

O papel dos BRDs se consolida em ***quatro frentes coordenadas globalmente***:

1. *Atuação Sistêmica e Coordenada (Um Sistema de Bancos)*

Os BRDs estão abandonando a atuação isolada para funcionar como uma *força tarefa global*. Em cúpulas recentes, líderes de 10 das principais instituições (BID, Banco Mundial, BAD, ADB, entre outros) anunciaram medidas conjuntas para aumentar a eficácia e a escala de suas ações.

Esta coordenação permite:

- *Harmonização de processos*. Para reduzir a burocracia para os países clientes, eles estão alinhando práticas de aquisição e criando portais de cofinanciamento colaborativo.
- *Abordagem comum em temas críticos*. Os BRDs definiram metodologias conjuntas para medir resultados climáticos e estão alinhando suas operações com o Acordo de Paris e as metas da Convenção da Biodiversidade.

2. *Expansão da Capacidade Financeira e Alavancagem*

Para gerar o volume de recursos necessário, a prioridade é multiplicar cada dólar próprio. As projeções indicam que, com inovações financeiras e apoio de acionistas, os BRDs esperam gerar uma margem adicional de US$ 300 a 400 bilhões em empréstimos ao longo da próxima década.

Isso é feito por meio de:

- *Instrumentos Financeiros Inovadores*. Criação de títulos híbridos, soluções de cobertura cambial e garantias que mitigam riscos (políticos e financeiros) para atrair investidores institucionais e fundos de pensão.
- *Mobilização de Capital Privado*: Os bancos assumem o papel de "catalisadores". Dados recentes mostram que para cada dólar investido em financiamento climático, os BRDs mobilizaram um montante equivalente do setor privado. Em 2024, proveram US$ 137 bilhões em financiamento climático e mobilizaram US$ 134 bilhões adicionais de capital privado.

3. *Alinhamento com a Agenda Climática e da Natureza*

O financiamento climático e a proteção da biodiversidade se tornaram eixos centrais e indissociáveis da agenda de desenvolvimento. ***O consenso é que não há ODS sem um planeta habitável.***

- *Metas de Financiamento da Natureza*. Os BRDs são peças-chave para mobilizar os *US$ 200 bilhões anuais até 2030 previstos no Marco Global de Biodiversidade*. Para isso, estão desenvolvendo princípios comuns para rastrear *investimentos positivos para a natureza* e integrando essa análise de risco em suas carteiras.

- *Foco em Adaptação e Resiliência*. Desde 2019, o apoio à adaptação climática dobrou, ultrapassando US$ 26 bilhões em 2024, combinando financiamento com assistência técnica e capacitação institucional nos países mais vulneráveis.

4. *Assistência Técnica e Influência em Políticas Públicas*

Além de emprestar dinheiro, os BRDs também atuam como formuladores de políticas, na Estruturação de Projetos (ajudam governos a desenhar projetos elegíveis para fundos climáticos); na Capacitação (oferecem expertise em avaliação de risco climático e engenharia); e no Arcabouço Regulatório (influenciam padrões de governança e sustentabilidade, incorporando salvaguardas ambientais e sociais que servem de referência para o mercado).

Em suma, o verdadeiro poder desses bancos para a Agenda 2030 está para além do volume de seus cofres, com peso na sua capacidade de alavancagem e influência. Eles são considerados uma *engrenagem mestra* que transforma ambições em projetos concretos, atraindo o volume de capital necessário para uma *transição justa e verde*.

Atuação dos BRDs por Região

América Latina

Os Bancos Regionais de Desenvolvimento Multilaterais (BRDs) na América Latina, como BID, CAF e FONPLATA, estão refinando seus mecanismos financeiros para a Agenda 2030.

No cenário latino-americano, o CAF (Banco de Desenvolvimento da América Latina) anunciou um investimento de US$ 40 bilhões em cinco anos para impulsionar o crescimento verde, focando em transição energética justa, segurança hídrica e conservação da biodiversidade.

Para superar a limitação de recursos públicos e atrair capital privado em larga escala, eles operam em três níveis complementares de atuação:

1. *Emissão de Títulos Temáticos* (Bonds)

- Títulos Verdes e Azuis. Captam recursos diretamente no mercado de capitais para projetos ambientais específicos.
- Exemplo prático: O CAF emitiu um Blue Bond de €100 milhões para financiar infraestrutura hídrica costeira e proteção de ecossistemas marinhos no Brasil e Equador. A credibilidade do projeto é reforçada pelo aval técnico do PNUD na seleção e monitoramento.

2. *Mecanismos de Mitigação de Riscos* (Garantias)

Em vez de emprestar dinheiro diretamente, o banco oferece garantias que cobrem riscos (políticos, regulatórios, cambiais) que o setor privado não quer assumir. Isso melhora a nota de crédito do projeto e destrava o capital.

3. *Financiamento Híbrido* (“Blended Finance”)

Combina recursos concessionais (filantrópicos ou a fundo perdido) com capital *sênior* de mercado. A área filantrópica absorve as *primeiras perdas* do projeto, reduzindo artificialmente o risco para atrair grandes investidores institucionais.

Painel Estratégico dos Mecanismos para a Agenda 2030

Mecanismo Financeiro / Lógica Principal / Vantagem para o Setor Privado

Títulos Verdes/Azuis/Sociais Captação direta com destinação específica para o ODS/ Liquidez e diversificação de portfólio com lastro ESG de alta credibilidade

Garantias e Seguros (“Risk-Sharing”)/ Reduz o Risco-País e Risco-Projeto/ Melhora a classificação de risco do ativo, permitindo aporte de fundos de pensão

Estruturas Híbridas de financiamento (“Blended Finance”)/ Camada subordinada filantrópica + Dívida Sênior/ Isola o investidor das *primeiras perdas* em projetos mais arriscados.

Apesar da sofisticação, a América Latina ainda precisa de investimentos anuais de US$ 470 bi a US$ 1,3 trilhão para cumprir, por exemplo, as metas climáticas, sendo que os recursos dos bancos multilaterais suprem apenas cerca de 3,4% dessa lacuna. O maior desafio, portanto, é escalar esses mecanismos de "alavancagem" para converter cada dólar público em múltiplos dólares privados.

África

Na África, o principal ator é o Grupo Banco Africano de Desenvolvimento (BAD). Seus mecanismos foram desenhados para lidar com um cenário muito específico: uma *enorme lacuna anual de financiamento para os ODS*, estimada em cerca de US$ 402,2 bilhões.

Para enfrentar esse desafio, a estratégia não se limita a emprestar dinheiro, mas sim a reorganizar a arquitetura financeira do continente para destravar capital em escala.

As principais frentes de ação são:

- *Financiamento Concessional para a Base*

A porta de entrada para os países mais vulneráveis é o *Fundo Africano de Desenvolvimento* (FAD). É a *janela concessional do Grupo BAD que oferece doações e empréstimos a juros muito baixos para nações de baixa renda*. Com o FAD, o banco consegue atuar como uma verdadeira "ponte" para que estes países possam receber recursos e executar projetos alinhados aos ODS sem agravar sua dívida de forma insustentável.

- *Mecanismos de Garantia para Destravar Capital*

O maior desafio do BAD não é a falta de dinheiro no mundo (existem US$ 145 trilhões em ativos sob gestão de investidores institucionais), mas sim o risco elevado que afasta esse capital da África. Para resolver isso, o banco atua com instrumentos de mitigação de risco, assumindo parte das incertezas políticas ou cambiais. Alguns exemplos concretos incluem:

  - Garantia de Moeda Local. Protege investidores contra a desvalorização cambial, incentivando o financiamento em moeda local para projetos de energia.
  - Garantia de Preço Mínimo. Assegura uma receita mínima para geradores de energia no mercado regional, tornando projetos com renováveis atrativos para o setor privado.

Assistência Técnica e Alavancagem de Fundos Climáticos

Muitos países africanos têm dificuldade em acessar fundos climáticos globais por falta de projetos bem estruturados. O BAD resolve isso com o Mecanismo de Assistência Técnica (CAW). Com um aporte inicial de US$ 56 milhões, essa iniciativa ajuda governos a desenhar *projetos prontos para investimento*, que depois são alavancados com grandes fundos como o "Green Climate Fund" (GCF) . É um efeito multiplicador: um pequeno recurso para planejamento destrava volumes muito maiores de capital internacional.

Inovação Sistêmica: repensando o Sistema

Além dos instrumentos tradicionais, o BAD lidera uma discussão mais profunda sobre como reter o capital dentro do continente. A iniciativa *Nova Arquitetura Financeira Africana* (NAFA) busca resolver um *paradoxo: a África possui US$ 4 trilhões em poupança interna, mas esse capital frequentemente financia o desenvolvimento de outras regiões por falta de mecanismos locais de alocação*. A proposta é *reorganizar o sistema financeiro africano* para que esses recursos sejam aplicados nos ODS do próprio continente.

Dessa forma, os mecanismos do BAD para 2030 vão além de simples empréstimos. Eles atuam como um *seguro* contra riscos que o setor privado não quer assumir; como um *organizador de projetos* que destravam fundos verdes; e como um *arquiteto* de um novo sistema financeiro para transformar a poupança local em desenvolvimento real.

Ásia

Na Ásia, os mecanismos de financiamento dos Bancos Multilaterais de Desenvolvimento (BRDs) para a Agenda 2030 são marcados por *inovação financeira agressiva* e *foco em infraestrutura de larga escala*. Diante de uma lacuna anual de financiamento estimada em US$ 1,7 trilhão para infraestrutura e clima, os principais bancos da região — *ADB (Banco Asiático de Desenvolvimento) e AIIB (Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura)* — atuam com uma lógica clara: seus balanços próprios não são suficientes, então o objetivo é usar cada dólar próprio para alavancar múltiplos dólares do setor privado.

Os principais mecanismos em operação são:

1. *Instrumentos de Mitigação de Risco* (Alavancagem)

Para destravar o capital privado, os BRDs asiáticos focam em assumir riscos que o mercado não aceita, através dos seguintes instrumentos:

- *Garantias com Efeito Multiplicador*. O IF-CAP (*Fundo Inovador para o Clima) do ADB* é o exemplo mais claro: para cada US$ 1 em garantias fornecidas por países parceiros, o ADB consegue emprestar US$ 4,5 para projetos climáticos. Com aportes de US$ 2 bilhões, a capacidade de financiamento é expandida sem consumir capital do banco.
- *Garantias de Crédito* (CGIF). O ADB também oferece *garantias para viabilizar emissões de títulos corporativos*, reduzindo o risco para investidores. Foi o caso da emissão de RMB 1 bilhão em "Blue Bonds" da China "Water Affairs", que contou com garantia do fundo CGIF do ADB para atrair investidores internacionais.

2. *Financiamento híbrido ("Blended Finance") e Estruturação de Projetos*

Na Ásia, o "Blended Finance" é usado para tornar projetos complexos em projetos *bancáveis* (financiáveis) através de:

- *Capital Catalítico*. O AIIB utiliza *recursos concessionais (a fundo perdido ou juros baixos*) de parceiros como o "Green Climate Fund" (GCF) para cobrir os custos iniciais ou absorver as *primeiras perdas* de projetos, atraindo bancos comerciais para o restante do financiamento.
- "Monsoon Wind" (Laos): O ADB estruturou o maior projeto eólico do Sudeste Asiático (US$ 692,55 milhões). O banco não apenas emprestou, mas estruturou e sindicalizou toda a operação, reunindo bancos comerciais e investidores institucionais que, sozinhos, não entrariam em um projeto de risco elevado.

3. *Securitização de Infraestrutura* (*Transformar Dívida em Ativo*)

Um mecanismo crucial na Ásia é a *securitização de portfólios de empréstimos*. Bancos como o AIIB compram dívidas de infraestrutura de bancos locais, empacotam essas dívidas em diferentes camadas de risco e vendem como títulos no mercado de capitais. Isso libera o balanço dos bancos locais para que possam conceder novos empréstimos para projetos sustentáveis.

4. *Foco Agressivo no Clima e no Patrimônio privado ("Private Equity")*

Diferentemente de outras regiões, os **bancos asiáticos** estão adotando *metas vinculantes* e investindo diretamente em fundos de "private equity":

- *Meta de Alocação*. O AIIB definiu que 50% de seus financiamentos anuais devem ser para o setor privado até 2030, forçando a criação de produtos financeiros que atendam a essa demanda
- *Fundos de Crédito Privado ("Private Credit")*. O AIIB investiu US$ 75,5 milhões em um fundo da Keppel para fornecer dívida direta a empresas de infraestrutura, uma forma de alcançar projetos menores que não acessam o mercado de títulos.

Comparativo Rápido dos Mecanismos Asiáticos

Mecanismo Principal/ Lógica Estratégica/ Exemplo Prático:

Garantias Multiplicadoras (IF-CAP) / Usar parceiros doadores como "seguro" para multiplicar empréstimos / ADB transforma $1 em $4,5 em crédito climático.

Securitização de Portfólio ("Bayfront") / Liberar capital dos bancos locais para novos projetos verdes / AIIB compra e empacota empréstimos para vender a *fundos de pensão*.

Capital Catalítico ("Blended Finance") / Absorver o risco inicial para atrair bancos comerciais / ADB estrutura o Projeto "Monsoon Wind" e sindicaliza com bancos privados.

Metas Mandatórias de Alocação / Direcionar a cultura interna do banco para o setor privado / AIIB mira 50% de financiamento privado até 2030.

Em síntese, os *mecanismos na Ásia são os mais avançados em termos de engenharia financeira de mercado de capitais*. O foco não é apenas emprestar, mas criar novas classes de ativos financeiros "verdes" que possam ser compradas por fundos de pensão globais, canalizando as poupanças da própria Ásia para a Agenda 2030.

Considerações Finais

Foram incluídos aqui dois trechos de artigos que abordam o que se considerou como problemas críticos para o financiamento da Agenda 2030: o fortalecimento da participação dos países em desenvolvimento, em particular dos menos desenvolvidos, nas agendas das instituições financeiras multilaterais; e os obstáculos para os governos em atrair capital privado - apesar de ser reconhecido como *necessário.*

> *"Reconhecemos a necessidade de as instituições financeiras internacionais continuarem a respeitar o espaço para o desenvolvimento de políticas públicas de cada país, em particular dos países em desenvolvimento. Comprometemo-nos novamente a ampliar e fortalecer a voz e a participação dos países em desenvolvimento – em particular, países africanos, países de menor desenvolvimento relativo países em desenvolvimento sem litoral, pequenos Estados insulares em desenvolvimento e países de renda média – no processo decisório econômico internacional, na definição de normas internacionais e na governança econômica global, respeitando-se os mandatos das respectivas organizações."*
>
> "TRANSFORMANDO NOSSO MUNDO: A AGENDA 2030 PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL".

> *"O reconhecimento pelos países da importância da maximização do investimento privado para a obtenção dos objetivos de desenvolvimento sustentável requer a percepção de dois parâmetros que influenciam a capacidade do capital público em mobilizar o capital privado. Estes parâmetros incluem as seguintes premissas: A improbabilidade do capital privado em apoiar projetos e modelos de negócio que não resultem em retornos (retornos ajustados ao risco), mesmo com suporte financeiro; A improbabilidade de projetos e programas, que contribuem para a obtenção dos objetivos de desenvolvimento sustentável, terem um perfil inerente de retorno imediato; muitos podem não ter o potencial para este perfil de retorno desejado, o que faz com que a habilidade de governos em atrair o capital privado em investimento ao desenvolvimento sustentável seja variável."*
>
> "*Mapeamento de soluções inovadoras de financiamento para projetos e políticas voltados ao desenvolvimento sustentável*"

Referências

1. https://sdgs-un-org.translate.goog/2030agenda?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc
2. https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf
3. https://bricspolicycenter.org/wp-content/uploads/2024/03/PUCRIO_BANCOS-MULTILATERAIS-compactado.pdf
4. https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/22043/1/01-BNDES-Revista56_Agenda2030.pdf

5. https://dialogosinternacionais.com.br/?p=3423
6. https://www.afdb.org
7. https://www.caf.com/pt/
8. https://www-adb-org.translate.goog/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc
9. https://www-aiib-org.translate.goog/en/about-aiib/index.html?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc